



O Futebol na Telenovela: Uma Análise Sócio-Política¹

João Evandro BIAZOTTO²

José Carlos MARQUES³

Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Bauru, SP

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo analisar duas manifestações culturais bastante específicas do Brasil: o futebol e a telenovela. Pretende-se neste trabalho demonstrar de que forma o contexto sócio-político do Brasil esteve ligado no encontro de futebol e telenovelas, a partir da análise de três importantes obras: “Irmãos Coragem”, 1970, de Janete Clair; “Vereda Tropical”, 1984, de Carlos Lombardi; “Avenida Brasil”, 2012, de João Emanuel Carneiro. O texto visa ainda a compreensão da ideia que, embora o futebol seja utilizado como pano de fundo para estas tramas, a forma como ele foi tratado foi drasticamente alterada de acordo com as modificações da sociedade brasileira, que é representada em ambas manifestações.

PALAVRAS-CHAVE: comunicação; futebol; sociedade brasileira; telenovela.

Introdução: As Manias Nacionais

No Brasil, existe uma afirmação clichê que diz ser todo o brasileiro apaixonado por futebol e por telenovela. Claro que uma generalização como esta não pode ser considerada uma verdade inabalável, porém é correto afirmar que sim, o brasileiro no geral tem por hábito acompanhar estas duas manifestações: o futebol e a telenovela.

De acordo com DaMatta (1982), o brasileiro não considera o futebol como um esporte, mas sim como um jogo. Apenas esta distinção já o promove a um novo patamar, no qual não apenas táticas, força, determinação e habilidades físicas são preponderantes. Enquanto jogo, o futebol também padece da ação do destino e da sorte.

O autor ainda defende que a sociedade é vista no futebol da mesma forma como o futebol se vê na sociedade. Segundo ele, a sociedade se revela tanto pelo trabalho quanto pelo esporte, religião, rituais e política. Por esta razão não é incomum a ritualização do esporte, ou sua ligação com a política, por exemplo.

¹ Trabalho apresentado no DT 4 – Comunicação Audiovisual do XVIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 3 a 5 de julho de 2013.

² Graduado em História pela Universidade Sagrado Coração e aluno especial do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Midiática na Universidade Estadual Paulista - UNESP, email: joaoevandro@gmail.com.

³ Orientador do trabalho. Professor da Pós-Graduação em Comunicação Midiática na Universidade Estadual Paulista – UNESP, email: zeca.marques@faac.unesp.br.



O futebol, como todo esporte, é constituído por regras fixas. Em sua ritualização, o brasileiro valoriza não apenas as regras do jogo, mas também e principalmente os resultados alcançados através das vontades individuais: o jogador que consegue se destacar é, normalmente, aquele que tem grande aptidão para jogadas individuais e improvisações, que consegue ser diferenciado em meio ao coletivo.

Ainda de acordo com DaMatta, o “jogar futebol” no Brasil representa uma interação complexa entre essas regras e as vontades individuais, entre o modelo existente e o destino. O jogo, portanto, seria uma metáfora da vida social do brasileiro, na qual ele pode ser o vencedor ou o vencido, tal qual o jogador com o qual ele se espelha.

Sendo o futebol tão importante para a representação da sociedade brasileira, seria claro que a mídia, de forma geral, teria que encontrar formas de representá-lo. Temer (2012) afirma que “a atividade esportiva tem um significado social especial para os brasileiros que vem a sua competência nesta área como uma espécie de vocação natural para o esporte, como uma consequência das condições geo-climáticas do país.” Por conta disso, as disputas esportivas passam a ser “resultado de um esforço midiático de mobilização”.

Mais do que transmitir as disputas entre as equipes, os veículos midiáticos debatem o assunto e exibem dos jogadores muito além de seu aproveitamento em campo. Torcer pelos jogadores, com base em sua vida particular, e debater como as equipes se saíam nos jogos tinham a mesma importância.

Em 1966 começava a ser veiculado um dos mais importantes programas de televisão com temática exclusiva sobre o debate do futebol. O programa “Zona do Agrião” era exibido pela Rede Globo de Televisão e uma opção de programa masculino em uma emissora cujo produto principal no período, as telenovelas, era essencialmente feminino.

Neste mesmo ano, o programa transferiu-se para “Grande Resenha Facit”, a primeira mesa-redonda sobre futebol realizada na televisão. Com quatro integrantes que representavam os quatro grandes times de futebol do Rio de Janeiro, Nelson Rodrigues (Fluminense), José Maria Scassa (Flamengo), João Saldanha (Botafogo) e Vitorino Vieira (Vasco), o programa reunia pérolas dos participantes, que debatiam e defendiam bravamente suas equipes. João Saldanha seria ainda escolhido, três anos depois, como o técnico da Seleção Brasileira de Futebol.



Concomitantemente, a Rede Globo conquistava o público com novelas escritas, sobretudo pela autora cubana Glória Magadan. A primeira telenovela da emissora foi “Ilusões Perdidas”, de Ênia Petri, direção de Líbero Miguel e Sérgio Britto e exibida entre os dias 26 de abril e 30 de julho de 1965. As novelas do período são descritas da seguinte forma por Ismael Fernandes:

As primeiras telenovelas produzidas pela Rede Globo na década de 1960 mantinham suas histórias voltadas para o melodrama. Eram histórias distantes da realidade nacional e assuntos parecidos com aqueles tratados em teleteatros, onde se utilizavam muitos autores estrangeiros, e também influência do rádio que tinham como principal inspiração os dramalhões latinos, principalmente cubanos. (FERNANDES, 1997)

A quebra do modelo de dramalhão de Glória Magadan aconteceu somente em 1969, com a novela “Beto Rockfeller”, de Cassiano Gabus Mendes, exibida na TV Tupi. O diferencial da trama era a nacionalização da história: o protagonista era paulistano de classe média baixa e que, através de sua malandragem, consegue penetrar na alta sociedade. A criação do personagem “anti-herói”, o fim dos exageros de interpretação e a inserção da linguagem coloquial dentro das telenovelas foram a grande inovação desta telenovela.

A Rede Globo que era a mais atuante produtora de telenovelas do país, deveria adequar sua linguagem para se aproximar do grande público. Surgia na emissora uma promissora autora, oriunda das radionovelas da Rádio Nacional do Rio de Janeiro, e que tinha uma forma de escrever completamente diferente de Glória Magadan: Janete Clair.

Seu primeiro trabalho na emissora carioca foi em “Anastácia, a Mulher sem Destino” de 1967. Com o objetivo de reformular a história desta telenovela, que tinha altos custos de produção, retorno financeiro baixo e uma história cujo público não se identificava, Janete idealizou um terremoto na trama, que eliminava boa parte dos personagens, e criava outros, de mais fácil identificação do público.

Em 1969, a autora pela primeira vez tem a chance de mostrar uma história mais moderna com a telenovela “Véu de Noiva”. Nilson Xavier aponta que a publicidade da trama era “Em ‘Véu de Noiva’ tudo acontece como na vida real. A novela verdade”.

1. Irmãos Coragem: O Tri Mundial e os Anos de Chumbo



Em 1970, Janete Clair escreveria a novela que a colocaria entre as maiores dramaturgas do Brasil: “Irmãos Coragem”.

A telenovela era inspirada nos filmes de *bang bang*, no romance “Os Irmãos Karamazov” de Dostoiévski e na peça “Mãe Coragem” de Bertold Brecht. Contava a história de três irmãos, João, Duda e Jerônimo Coragem, que viviam na fictícia cidade de Coroadó, e tinham que lutar contra os desmandos de um coronel que comandava os garimpos de diamante e era o homem mais poderoso da região.

A trama estreou no dia 08 de junho de 1970, no mesmo período da realização da Copa do Mundo do México, que ocorrera entre os dias 31 de maio e 21 de junho daquele ano. Propositadamente, Janete Clair aproveitou o clima ufanista do brasileiro, que estava envolvido com o futebol, e criou um personagem jogador: Duda Coragem, um dos três irmãos protagonistas, interpretado pelo ator Claudio Marzo. Mauro Alencar detalha a participação deste personagem na trama:

As cenas de jogo eram gravadas durante as partidas reais do time. Em um jogo de Flamengo e Botafogo, o ator entrou em campo junto com o time do Flamengo, participou do jogo até serem realizadas as gravações necessárias e, segundo o relato do próprio ator, só quando saiu de campo, é que a torcida percebeu o que estava ocorrendo. A telenovela invadiu o futebol, era a ficção misturando-se à vida real. Eram jogadas de verdade com detalhes do personagem Duda. (ALENCAR, 2005)

Franco Junior (2007) destaca a importância, neste momento histórico, da penetração da televisão na vida dos brasileiros, uma vez que ela era usada como veículo de propaganda da seleção brasileira de futebol e conseqüentemente do governo. A marchinha “Pra Frente Brasil” era executada incansavelmente e a transmissão ao vivo dos jogos ajudava na popularização dos feitos da equipe brasileira.

Mostaro (2012) também analisa da seguinte forma: “Foi na década de 70 que a televisão ganhou o país. Os militares perceberam a força desse novo veículo de comunicação e incentivaram a compra dos aparelhos, o que levou a TV a uma penetração de 24,1% entre a população naquela década.”

Não foi apenas pela existência da Copa do Mundo que Janete Clair colocava um jogador de futebol entre os personagens centrais. O torneio terminaria com menos de um mês da novela, que teve 326 capítulos. A escolha deste personagem tem como fator importante sua identificação com um público urbano.



Ora, a trama desenvolvia-se em uma cidade interiorana, cujos personagens tinham características ligadas ao ambiente rural. Duda Coragem era um típico rapaz do interior, que se mudava para uma cidade grande, o Rio de Janeiro, e destacava-se como jogador de futebol, tornando-se um ídolo de sua equipe, o Flamengo. Souto Maior (2006) adiciona outro fator à importância deste núcleo na trama: o público masculino finalmente começava a atrair-se pela telenovela.

Fazendo um rápido e necessário retrospecto, é possível encontrar em Hilário Franco Junior uma contextualização política do período:

Desde 1967, a chamada fase linha dura da ditadura militar no Brasil coibia greves, manifestações, pronunciamentos e articulações políticas contrárias ao regime. A seleção brasileira que saíra derrotada da Copa do Mundo de 1966, não havia sido recebida com festas como em 1958 e 1962. (FRANCO JUNIOR, 2007)

A equipe fora dirigida por João Saldanha a partir de 1969. No entanto, sendo ele filiado ao PCB, comunista, era uma figura que causava desconforto entre a direita e a esquerda. Ora, se a seleção era utilizada pelo governo como instrumento para acalmar os ânimos da população descontente, era no mínimo estranha a aceitação de um comunista como regente da seleção. A passagem de Saldanha na seleção brasileira foi curta, mas polêmica. Criticou Pelé e o governo Médici com a mesma intensidade.

A nomeação de Mário Jorge Lobo Zagallo como técnico da seleção em 1970 resolveria dois problemas: bicampeão, tinha o apoio da população. Sem causar polêmicas, aceitou que a comissão técnica fosse militarizada: entre brigadeiros, capitães e majores, o comando da seleção às vésperas da Copa do México estava nas mesmas mãos militares do governo.

Ao regime militar, portanto, o tricampeonato mundial da seleção representaria sua legitimação diante da sociedade brasileira. O próprio presidente Médici deixava-se fotografar em situações informais, assistindo as partidas ou dando opiniões sobre os jogos. Era uma forma de desviar o foco do regime ditatorial em vigor.

Se por um lado o futebol e a telenovela no período podem ser duramente criticados justamente por essa camuflagem do sistema político vigente no país, é também importante destacar as manifestações ocorridas em decorrência de ambas. Em “Irmãos Coragem”, ainda que podada pela ação da censura, a autora pôde criar uma história de pessoas comuns que tentavam alterar o modelo da sociedade. João Coragem lutando contra o coronel Pedro Barros podia ser compreendido como a população



lutando contra o regime militar. Também a seleção brasileira, logo em sua chegada após a vitória no México, foi recebida com festas que também serviam como manifestações contra o governo.

2. Vereda Tropical e a Democracia Corinthiana

Em fins dos anos 1970, o futebol do Brasil estava em crise, tal qual o regime político que o apoiava. As regras da CBD, que tentavam desesperadamente ampliar o interesse da população pelo futebol, surtiam o efeito contrário. Em alguns casos, como nos anos de 1974, 1977, 1981, 1983 e 1986, o campeão brasileiro tinham menos pontos do que os vice-campeões. A apatia da população com relação às regras esdrúxulas do regime militar decadente chegava também ao futebol. (FRANCO JUNIOR, 2007)

Entre o final dos anos 1970 e começo dos anos 1980, torneios nacionais, que visavam a integração das equipes de todo o território apenas diminuía o interesse da população e dificultava os jogos. Fortaleciam-se os torneios regionais e estaduais. A população começava a enxergar que o sistema político, que também difundia a ideia da integração nacional, estava fracassando. Leis de abertura do regime ditatorial começavam a ser sancionadas, como é o caso da lei da Anistia, de 1979. O movimento pelas Diretas Já ganhou força. O regime militar estava com os dias contados.

Já a televisão se tornava cada vez mais presente na vida da população. A Rede Globo mantinha-se na liderança e continuava a apostar em seu principal produto, as telenovelas. A diferença é que neste momento, não apenas aquelas do horário das 20 horas, o chamado horário nobre, tinham grande repercussão. Repercutiam também as do horário das 18 e 19 horas.

As novelas das 20 horas eram tramas complexas, escritas por Janete Clair, Dias Gomes e Gilberto Braga, que traziam temas sociais relevantes e atuais. Às 18 horas, eram exibidas normalmente tramas de época, voltadas às donas-de-casa, histórias simples, mas bem produzidas. O horário das 19 horas era talvez o mais livre. Tramas leves, bem-humoradas e modernas, em que se destacavam principalmente os autores Cassiano Gabus Mendes e Silvio de Abreu.

Em quatro novelas destes dois autores (“Jogo da Vida” e “Guerra dos Sexos”, de Silvio de Abreu, e “Elas por Elas” e “Champagne”, de Cassiano Gabus Mendes), o colaborador no roteiro foi Carlos Lombardi. Devido à repercussão destas tramas, ele



conseguiu em 1984, seu primeiro trabalho solo na TV Globo, a novela “Vereda Tropical”.

A trama se passava em uma fictícia vila da cidade de São Paulo, chamada Vila dos Prazeres. Um local habitado por tipos populares, em especial descendentes de italianos. O casal principal era formado por uma operária de fábrica e um jogador de futebol, Luca, interpretado por Mário Gomes. Segundo Lombardi, Luca era um “jogador talentoso, porém irresponsável, que caía e se reerguia” (Memória Globo, 2008).

O principal desfecho da trama é quando Luca consegue, finalmente, jogar em uma equipe importante, o Corinthians. A gravação da cena em que Luca entrava em campo e marcava um gol foi feita no dia 27 de janeiro de 1985, um domingo e exibida na sexta-feira seguinte, dia 1º de fevereiro, último capítulo. De acordo com Nilson Xavier:

Quando o centroavante Serginho marcou seu segundo gol, o ator Mário Gomes invadiu o campo vestindo o uniforme do clube e comemorou abraçando o atacante. O juiz da partida, José de Assis Aragão, diante do fato inesperado, teve um momento de indecisão, mas expulsou o ator do gramado. O caso irritou os dirigentes da Confederação Brasileira dos Árbitros (Cobraf), que suspeitaram que o juiz tinha favorecido a entrada do ator. A Rede Globo inocentou Aragão, declarando que tudo havia sido improvisado. (XAVIER, 2007)

A escolha do Corinthians como equipe em que Luca começa a jogar no final da novela, ou seja, a “recompensa do herói” pode ser explicada por alguns fatores: o autor era torcedor do time, o Corinthians é uma equipe tradicional entre torcedores do subúrbio, onde a história se desenrolava, havia sido campeão de quatro campeonatos estaduais nos últimos dez anos. No entanto, é necessário levar em consideração que a principal manifestação do futebol neste período, e que também tinha relação com a esfera política foi a instauração da chamada Democracia Corinthiana, em 1981, um ano antes das eleições indiretas para governos estaduais e para o Congresso Nacional. Hilário Franco Junior descreve este movimento da seguinte forma:

Naquele clube, sob a presidência do empresário Waldemar Pires e a direção de futebol do sociólogo Adilson Monteiro Alves, os jogadores foram convidados a participar de decisões até então monopolizadas pelos dirigentes: concentração, contratação de novos jogadores e escolha do técnico. No mar autoritário daquele momento, em que não havia eleições diretas para a presidência da República, o Corinthians



tornava-se uma ilha de democracia liderada por Sócrates, Casagrande e Wladimir. (FRANCO JUNIOR, 2007)

Ele continua, dizendo que na final do campeonato paulista de 1983, os jogadores do time entraram em campo empunhando uma faixa com os dizeres “Ganhar ou perder, mas sempre com democracia”.

Sócrates, jogador símbolo deste período no time e, posteriormente, um dos principais nomes a discursar durante as campanhas pelas Diretas Já, também foi escolhido capitão da seleção brasileira na Copa do Mundo de 1982. Ainda que a equipe, liderada por Telê Santana, não tenha conseguido o tetracampeonato, conseguiu com que os torcedores identificassem-na como um microcosmo das relações do poder sem o uso do autoritarismo, mas sim com democracia.

Se o futebol fora utilizado durante a década de 1970 pelo regime militar como forma de legitimação da estrutura política, naquele momento era colocado como um potencial inimigo à esta mesma estrutura. O futebol mostrado na telenovela colaborava, sutilmente, com a premissa da democracia.

3. A “Classe C” e os estereótipos do Futebol em Avenida Brasil

Escrita por João Emanuel Carneiro, a novela “Avenida Brasil” pode ser considerada um marco no gênero da telenovela por quebrar paradigmas. Exibida entre os dias 26 de março e 20 de outubro de 2012, além de grande repercussão nas ruas, também atingiu um total de ganhos acima de R\$ 2 bilhões em publicidade, que ia do patrocínio à equipe de futebol da trama até os produtos de limpeza utilizados na casa do protagonista, Tufão.

Tarapanoff e Fernandes (2012) apontam que o sucesso dessa história se relaciona ao momento econômico do país. A chamada “Classe C”, que compreende 105 milhões de pessoas em 2012, passa a ser representada como o núcleo principal de uma telenovela.

Sobre o núcleo principal em “Avenida Brasil”, o fictício bairro do Divino, os autores detalham outras personagens:

No bairro do Divino, há também representações típicas da classe C, como Monalisa, que trabalhava como cabeleireira e com seu esforço conseguiu adquirir seu próprio negócio, como tantos pequenos e médios empreendedores desse segmento da sociedade. Outra personagem representado é o ex-jogador de futebol Tufão, interpretado por Murilo Benício, que vence com sua garra, mas não



deixa de lado suas origens, continuando a residir no subúrbio, ao invés de buscar morar em um bairro mais sofisticado. Quando se aposenta, ele vira empresário, investindo em outros segmentos, como muitos jogadores da vida real. (TARAPANOFF; FERNANDES, 2012)

A intenção do autor, em retratar esta classe C em ascensão, também pode ser verificada na utilização do futebol como um dos fios condutores da trama. Como foi possível ver nos primeiros capítulos deste artigo, o futebol é uma manifestação cultural que atinge os mais diversos níveis da sociedade brasileira. Diferentemente das outras duas telenovelas analisadas anteriormente, que contavam com um personagem principal neste núcleo jogador às voltas com problemas desta ocupação, em “Avenida Brasil” o futebol era mais abrangente entre os personagens, podendo ser identificados, por exemplo, o dirigente do clube, os jogadores aposentados, os torcedores apaixonados e até mesmo a figura da “Maria-chuteira”.

Mais uma vez, no entanto, “Avenida Brasil” quebrou paradigmas. Em Franco Junior (2007), considera-se a imagem do jogador de futebol de sucesso como aquele que ultrapassa os adversários e consegue vitórias, dentro e fora de campo, reconhecidas por todos. Ele diz que “um bom jogador, um jogador que deve ficar para a história, não é vice-campeão, mas sempre o melhor, o primeiro colocado”. Temer também afirma uma posição interessante sobre os esportistas, e aí incluem-se os jogadores de futebol:

Transformados em celebridades, os esportistas frequentam os telejornais com igual desenvoltura do que os políticos nacionais sendo, via de regra, apontados como melhores exemplos. Profissionalmente são guerreiros, lutadores entusiasmados, fora de campo são pessoas de família em geral preocupadas em levar benefícios para as comunidades de onde vieram. Eventuais acusações de mau comportamento, no esporte ou na vida privada, tem destaque relativamente baixo, embora sejam sempre condenados. (TEMER, 2012)

Ora, o protagonista da novela, Tufão, enquanto esportista, era considerado um ídolo, portanto deveria ter a esperteza e a malícia que seriam inerentes a uma figura como esta. No entanto, em sua vida pessoal, quebra-se essa ideia ao mostrá-lo com uma esposa adúltera, que mantinha o amante sob o mesmo teto e constantemente criava mecanismos para extorquir o marido.

Outro aspecto em que a novela modifica estereótipos sobre o universo do futebol é tocando no assunto da homossexualidade, ao apresentar um jogador talentoso, Roni (personagem de Daniel Rocha Azevedo) que se sente atraído por outro jogador,



Leandro (Thiago Martins), resistindo às investidas de uma “Maria-chuteira”, Suelen (Ísis Valverde).

João Emanuel Carneiro soube utilizar, portanto, uma temática atraente para vários setores da sociedade, o futebol, como um chamariz para o debate de outras questões. É o futebol novamente sendo utilizado como um microcosmo das relações sociais.

4. Considerações Finais

O futebol e a telenovela compartilham da mesma crítica: ambos são acusados de ser utilizados como máquinas massificadoras e alienantes. O que não se pode perder de vista, no entanto, é que ambos fazem parte da sociedade e, da mesma forma, retratam-na através deles e refletem em suas manifestações o momento de suas discussões políticas e culturais.

Com o tempo, a utilização do futebol nas telenovelas teve seu objetivo alterado. Se em “Irmãos Coragem”, em 1970, era atrair o público masculino e urbano, em 1984, em “Vereda Tropical” foi discutir de forma sutil a abertura política e em 2012, com “Avenida Brasil”, foi debater os conceitos criados pela própria sociedade sobre os personagens que fazem parte do esporte, além de utilizá-lo como representação de uma classe social em franco crescimento.

No apogeu do período conhecido como “Milagre econômico”, na mais dura fase do regime militar brasileiro, uma telenovela conseguiu repercutir a luta de classes. No período de abertura e queda deste mesmo regime, uma equipe de futebol se levanta a favor da democracia. No período de ascensão de uma classe econômica com poder de consumo e sedenta por histórias que a represente, uma telenovela utiliza o futebol como forma de mimese das relações sociais. Estes três casos demonstram o movimento da sociedade em favor de mudanças, portanto, não podem ser consideradas invariavelmente alienantes.

São estas características que denotam uma alteração sobre a forma como a sociedade interage com o esporte e com a televisão.

REFERÊNCIAS

ALENCAR, Mauro. “Memória coletiva e memória histórica (e suas relações com o futebol e a telenovela)”. In: Revista Latinoamericana de Ciencias de La Comunicación. Ano II, número 2, 2005.



ANTUNES, Anderson. “Brazilian Telenovela ‘Avenida Brasil’ makes billions by mirroring its viewers’ lives”. Forbes.com. Disponível em:
<www.forbes.com/sites/andersonantunes/2012/10/19/brazilian-telenovela-makes-billions-by-mirroring-its-viewers-lives>. Acesso em: 30 out. 2012.

DAMATTA, Roberto et. al. “Universo do Futebol: Esporte e sociedade brasileira”. Rio de Janeiro: Pinakotheke, 1982.

FERNANDES, Ismael. “Memória da telenovela brasileira”. São Paulo: Brasiliense, 1997.

FILHO, Daniel. “O circo eletrônico: Fazendo TV no Brasil”. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

FRANCO JUNIOR, Hilário. “A Dança dos Deuses: Futebol, Sociedade, Cultura”. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

GROHMANN, Rafael do Nascimento. “Comunicação, Futebol e Sociologia: confluências possíveis”. In: GURGEL, A., ROCCO Jr, A. J., MARQUES, J. C. e GUERRA, M. O. (org) “Comunicação e Esporte: reflexões”. São Paulo: INTERCOM, 2012.

MACHADO, Arlindo. “A televisão levada a sério”. São Paulo: Editora SENAC, 2000.
Memória Globo. “Autores: Histórias da Teledramaturgia”. Rio de Janeiro: Editora Globo, 2008.

MOSTARO, Filipe F. R. “A Seleção Brasileira como propaganda do Governo. Getúlio em 1938 e os militares em 1970”. In: GURGEL, A. et. al (org) “Comunicação e Esporte: reflexões”. São Paulo: INTERCOM, 2012.

SOUTO MAIOR, Marcel. “Almanaque da TV Globo”. Rio de Janeiro: Editora Globo, 2006.

TARAPANOFF, Fabíola P. de A.; FERNANDES, Julio C. “Reflexo de uma ascensão: O imaginário da classe C nas novelas ‘Cheias de Charme’ e ‘Avenida Brasil’”. Fortaleza: INTERCOM, 2012.

TEMER, Ana Carolina Rocha Pessôa. “‘O time está dando o melhor de si’ – Aspectos do esporte na programação da televisão brasileira”. In: MARQUES, José Carlos et. al. “Esportes na Idade Mídia: diversão, informação e educação”. São Paulo: INTERCOM, 2012.

XAVIER, Nilson. “Almanaque da Telenovela Brasileira”. São Paulo: Panda Books, 2007.